

# YABÁS, SENHORAS DAS ÁGUAS: UMA PROPOSTA DE ENSINO DECOLONIAL PARA A PERCEPÇÃO DA NATUREZA, A PARTIR DA MITOLOGIA IORUBÁ

Daniele Rodrigues Moreira<sup>1</sup>

## Resumo

Nanã, Iemanjá, Oxum, Oiá, Ewá e Obá são na cultura iorubá orixás femininos relacionados às águas. Na atividade proposta às turmas de nono ano, utilizaremos as narrativas míticas das yabás para fundamentar a necessidade de resgatar valores ancestrais relacionados ao cuidado com a natureza. Partiremos de uma análise histórica das consequências das Revoluções Industriais e questões das Ciências da Natureza e Química, com objetivo de destacar, nas narrativas, valores que possibilitem os discentes a repensarem o trato com nossas águas. Esperamos reforçar a hipótese de que uma pedagogia decolonial corrobora para uma educação comprometida com a sustentabilidade. A Revolução Industrial e demais avanços que a seguiram trouxeram para a humanidade diversas possibilidades, mas, se os benefícios são inúmeros, os prejuízos ambientais são incontáveis. Logo, devemos levar os alunos a se perguntarem: onde as indústrias têm despejado seus resíduos? E onde temos descartado nosso lixo? Lembremo-nos que o projeto de colonialidade negou sistematicamente o saber, a cultura e a religiosidade do povo africano, enfatizando uma ideia de progresso a qualquer custo. Portanto, trazemos, a partir da atividade, uma escrita acerca dos conceitos de colonialidade por Aníbal Quijano e decolonialidade segundo Catherine Walsh. Buscamos aprofundar o diálogo entre componentes curriculares e as possibilidades de uso da mitologia iorubá em sala, visando a interdisciplinaridade, segundo Ivani Fazenda. As narrativas serão retiradas de obra de Reginaldo Prandi, e contemplaremos nestas o que Azoilda Trindade apresentou como valores civilizatórios afro-brasileiros, proporcionando assim, reflexões acerca das potencialidades de uma educação que verse sobre o cuidado ancestral com a natureza.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade, Orixá, Decolonialidade, Água

## Introdução:

O artigo consiste em um relato de experiência acerca de uma intervenção realizada na escola onde a pesquisadora principal atua. Trata-se ainda de um recorte da pesquisa de mestrado em andamento. Onde um grupo de professores de diferentes disciplinas são convidados a inserir em suas práticas narrativas da cultura iorubá, como forma de dar um passo na educação para as relações étnico raciais, pensar questões como decolonialidade e antirracismo (de forma mais específica o racismo religioso).

---

<sup>1</sup> Professora de História da SME-RJ (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro) e Mestranda no Curso MPPEB -CPII ( Mestrado profissional em Práticas de Educação do Colégio Pedro II)

Neste recorte trataremos do componente curricular, História e teceremos reflexões a respeito da Revolução Industrial e suas consequências. Nesta intervenção realizada em uma turma de oitavo ano, espera-se por meio de uma proposta de prática com características de uma pedagogia voltada para a decolonialidade, proporcionar novas abordagens em relação a Era das Revoluções. De forma mais específica, a Industrialização enquanto um fenômeno que traz consigo novas percepções de mundo. Ao estabelecermos um diálogo com as narrativas da Yabás que estão ligadas à água refletiremos sobre a importância de levar a debate valores da ancestralidade africana, para pensarmos a respeito da Revolução Industrial como um evento que tem início na Europa mas que tem seus efeitos em todo o mundo.

Deste modo esperamos reforçar a hipótese de que a abordagem deste conteúdo presente no Componente Curricular, História, dialogando com narrativas outras que não apenas as da colonialidade, corrobora para uma educação que visa levar nossos alunos à uma percepção de mundo preocupada com as questões da natureza e da existência humana no cosmo.

Diante da situação de degradação em que se encontra nosso planeta, cada vez mais é necessário conscientizar nossos alunos a respeito deste cuidado. Sendo a degradação ambiental uma questão não só das ciências da natureza, mas também uma questão histórica devido às nossas formas de nos relacionar com o mundo que nos cerca.

O conceito de evolução e progresso criado pela modernidade suscita neste momento um repensamento e posturas que como diria Ailton Krenak (2019) “adiem o fim do mundo”. Para tanto recorreremos à sabedoria ancestral da cultura africana e suas formas de ver e interpretar o mundo, para propor aos nossos alunos este (re)pensamento. Sendo a Unidade Escolar (UE) onde a intervenção é realizada um espaço onde percebe-se uma presença notável de alunos de tradição religiosa afroreferenciada temos uma experiência não muito comum, ao terem seus saberes presentes em um espaço marcadamente colonial, que é a escola.

Para os demais uma possibilidade de aprendizagem na alteridade, mas também um desafio de enfrentamento com aquilo que a muito tem sido posto pelos processos de educação e por percepções (pré)conceituosas como algo sem valor.

Objetivando proporcionar uma diferente perspectiva em relação a temática da Revolução Industrial (RI) a partir dos valores da cultura iorubá destacaremos, na narrativa, valores civilizatórios (TRINDADE, 2005) que nos oriente neste desafio.

- **Revolução Industrial e seus impactos**

O acontecimento Revolução Industrial já se desenrolava na Inglaterra antes mesmo desta nomenclatura. O historiador Eric Hobsbawm considera 1780 como a grande explosão desta revolução que tem consequências múltiplas para a sociedade como: as mudanças nas formas e relações de produção, a relação homem – tempo, o surgimento de novos grupos sociais. Para o autor este acontecimento histórico é o mais importante no mundo desde a invenção das cidades. Consideramos que a Inglaterra tem pioneirismo neste evento, mas é inegável a velocidade de sua expansão e as consequências sejam elas econômicas ou sociais, o que nos faz compreender o impacto da industrialização no mundo.

O que significa a frase ‘a revolução industrial explodiu’? Significa que a certa altura de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. (HOBSBAWM,1977. Pág 59)

Embora considere-se o final do século XVII como o “boom” da industrialização é importante refletirmos acerca das etapas da Revolução Industrial e entendê-la não como um fenômeno estático. E sim compreendê-la como movimento que atravessa diferentes tempos históricos até nossos dias atuais, como algo inerente ao modelo capitalista que impacta de diferentes formas a vida de cada um.

As gigantescas transformações objetivas da sociedade desencadeadas pelo advento do mercado mundial capitalista: ou seja, essencialmente, mas não de modo exclusivo, desenvolvimento econômico. De outro lado, refere-se às impressionantes transformações subjetivas da vida individual e da personalidade que ocorrem sob seu impacto: tudo o que está contido na noção de autodesenvolvimento, isto é, uma potenciação dos poderes do homem e uma amplificação da experiência humana. (ANDERSON, 1986. Pág. 3)

Nessa busca por potencializar-se neste contexto capitalista o homem tem deixado de lado valores e comprometendo sua própria existência. Desta constatação surge uma das questões levantadas na experiência em sala de aula: Seria de fato a industrialização algo positivo?

Seguindo nesses questionamentos, surgem questões oportunas levantadas pelos alunos. Como: Positiva para quem, professora? E seguimos desdobrando questões que nos permitam não relativizar, mas sim contextualizar. Esse acontecimento ocidental divulgado ao mundo por uma ótica também ocidental, como sendo esta a única perspectiva de um fato histórico de alcance mundial.

Vale lembrar que toda a indústria da Modernidade foi pensada em torno de relações de raça e tal empreendimento foi justificado pela ciência



moderna. Assim, os grandes avanços tecnológico-científicos e filosóficos da Modernidade, de um modo ou de outro, beneficiaram-se da exploração dos africanos na África ou na Diáspora. (OLIVEIRA, 2007. Pág.33)

Essa experiência humana amplificada apontada por Perry Anderson, não significa exatamente ser mais humanitária e comunitária, ela ressalta o individualismo crescente frente o advento do capitalismo industrial calcado nesta Modernidade que justicou a exploração, escravização e se desdobra na contemporaneidade acirrando desigualdades e competitividade na busca por uma satisfação individual e um dito progresso da sociedade. Ou seja, nem todos tem essa possibilidade de realização individual neste contexto, mas todo indivíduo de alguma maneira acaba por ter que se adequar a esta., o que responde a questão posta pelo aluno. De fato, a Revolução Industrial não impacta igualmente a todos. E se fossemos pensar questões relacionadas à natureza, ao cosmo que habitamos e nos é comum? Ainda assim o impacto deste evento não seria igual.

Com forma de experimentarmos uma nova perspectiva acerca do processo de industrialização e suas consequências, elegemos a questão da água enquanto algo essencial para vida. No tópico a seguir pensaremos uma Revolução Industrial parte do currículo de oitavo ,ano mas que vai além dos teares, máquinas a vapor, ferrovias, indústrias e robótica que são sempre apresentadas como benefícios da revolução industrial ao permitir que o homem produza cada vez mais e em menos tempo. A abordagem clássica é necessária, mas já não dá conta de questões enfrentadas por nossos estudantes e não é suficiente para responder suas indagações. A abordagem que propomos nesta aula também não é capaz de dar conta dos impactos da RI, mas é um ponto de partida para novas formas de estudar esse tema clássico.

- **Industrialização e a poluição das águas**

Grandes civilizações se desenvolveram às margens de rios, desde os primeiros relatos de existência da humanidade a água se faz presente, Rio Nilo, Rio Jordão, Rio Amazonas, Rio Obá e Rio Oxum entre outros. A água também é presente no Dilúvio nos relatos do Antigo Testamento. Seja nos ritos de passagens ou na gestação da vida, lá está ela. Ela é fonte de energia e essencial nas indústrias. Partindo desta constatação levamos nossos alunos a refletirem sobre o que estamos fazendo como nossas águas. Sendo um elemento crucial a existência em suas múltiplas utilidades e significados tem sido uma das mais afetadas pela poluição decorrente das indústrias. Além dos dejetos despejados

frequentemente, nosso lixo descartado irregularmente e até mesmo poluição do ar tem comprometido nossas águas: fluviais e pluviais.

Essas águas fundamentais para nossa existência física enquanto humanidade é também fundamental e múltipla em significados para diversas civilizações e suas subjetividades. Neste sentido pensaremos junto a nossos alunos a água e a tradição iorubá, mais especificamente suas significações e possibilidades de aprendizagem e repensamento ao estabelecermos relação com as Yabás, orixás femininas que aqui chamamos Senhoras das águas (Naná, Iemanjá, Oxum, Oiá, Ewá e Obá), pois tem neste elemento da natureza seus domínios.

Aprendemos que é pela água que tudo se principia, que a água é cura, é apaziguadora. Acalmamos a Terra com água fresca, louvamos os ancestrais com a água, abrimos e acalmamos os caminhos com a água. De acordo com o costume a tradição dos orixás, ao lançarmos água fresca nas portas de nossos ilês (casas/terreiros), estamos pedindo à Terra, a Exu e aos ancestrais que os nossos caminhos sejam apaziguados, que tenhamos êxito em nossa caminhada, que tenhamos paz, equilíbrio e tranquilidade em nossos dias. Pedimos que não nos deparemos com a desarmonia e que os perigos não nos encontrem. (DOS REIS, 2020. Pág. 2)

Ao pensar a poluição de um elemento objetivamente essencial à sobrevivência e também de valor e significado até mesmo sagrado em muitas culturas, neste caso específico, a cultura iorubá, temos três caminhos de discussões que se desenrolaram pela aula.

- I. Em um primeiro momento é possibilidade emergir saberes até então fora das salas de aulas como forma introduzir uma temática até então vista apenas de um ponto
- II. O segundo momento uma abordagem para repensarmos a o que é progresso
- III. Por último, contrapor uma visão de mundo ocidental com a cosmovisão africana como um caminho para uma educação para as relações étnico-raciais.

Nestas três etapas dialogam conceitos importantes : progresso e os valores civilizatórios ( afrossaberes) de Azoilda Trindade.

- **Valores civilizatórios**

Os valores civilizatórios também chamados de afrossaberes foram compilados por Azoilda Trindade, idealizadora do projeto a Cor da Cultura projeto do MEC (Ministério da Educação e Cultura) para fomentar a produção de materiais a serem utilizados na escola para atender ao dispositivo legal. A imagem abaixo traz esses valores organizados em formato de

mandala. São eles: circularidade, oralidade, religiosidade, corporeidade, energia vital, musicalidade, ludicidade, memória, ancestralidade e comunitarismo, ao serem utilizados nos estudos objetivam destacar que nas perspectivas civilizatórias somos, de certa forma e de certas formas afrodescendentes, ideia esta que rompe com a colonialidade das práticas pedagógicas. O destaque dado a eles nos aponta a uma pedagogia com pedagogia colonial ao enfatizar esses valores como civilizatórios não como uma ideia de civilização como a do colonizador ‘civilizador’. E sim numa perspectiva de também ser civilização tanto quanto outras sociedades que se organizaram ao longo da história com seus valores e saberes. É sobre a organização de saberes ancestrais de forma a nos proporcionar através desses valores uma perspectiva de mundo afroreferenciada.

A mitologia iorubá é composta de histórias, de orixás e homens, animais e espíritos. Cada história explica algum aspecto do mundo, define a personalidade de algum orixá ou serve como guia para que uma pessoa encontre seu caminho certo. O maior oráculo dos iorubá é um adivinho de nome Orunmilá, também conhecido por Ifá, que recebeu de Exu as trezentas e uma histórias que este coletou em suas andanças pelo mundo. Trezentas e um, de acordo com os antigos iorubás, equivale a um número incalculável de histórias (FRANCO; GOYA, pág. 207. 2021)

### **Metodologia:**

O tema Revolução Industrial enquanto conteúdo do Componente Curricular, história faz está organizado na Unidade temática, O mundo contemporâneo: Antigo Regime em crise. Tendo como objetivo o conhecimento deste acontecimento e seus impactos e por habilidade suscita que sejam analisados estes impactos relacionando-os com a degradação ambiental e em uma perspectiva ampliada traz ainda como objetivo a Educação ambiental.

Para contemplar estas habilidades e objetivos propostos, dividimos em quatro etapas, sendo cada tempo de aula o momento de duas etapas.

Na etapa 1 e etapa 2 o professor realiza uma aula expositiva acerca do conteúdo proposto e em seguida apresenta a narrativa iorubá selecionada para dialogar com o conteúdo.

Ao longo da exposição os alunos são questionados a respeito da relação entre Revolução Industrial e uma narrativa que traz a origem de dois importantes rios africanos como forma de fomentar reflexões que os conduza às próximas etapas. Segue abaixo a narrativa utilizada em sala.

#### **Etapa 2 - Itan de Obá – Orixá Guerreira e Das Águas Revoltas**

Obá vivia em companhia de Oxum e Iansã, no reino de Oyó, como uma das esposas de Xangô, dividindo a preferência do reverenciado Rei entre as duas Iabás (Orixás femininos). Obá percebia o grande apreço que Xangô tinha por Oxum, que mimosa e dengosa, atendia sempre a todas as preferências do Rei,

sempre servindo e agradando aos seus pedidos. Obá resolveu então, perguntar para Oxum qual era o grande segredo que ela tinha, para que levasse a preferência do amor de Xangô, vez que Iansã, andava sempre com o Rei em batalhas e conquistas de reinados e terras, pelo seu gênio guerreiro e corajoso e Obá era sempre desprezada e deixada por último na lista das esposas de Xangô. Oxum então, matreira e esperta, falou que seu segredo era em como preparar o amalá de Xangô, principal comida do Rei, que lhe servia sempre que deseja-se bons momentos ao lado do patrono da justiça. Obá, como uma menina ingênua, escutou e registrou todos os ingredientes que Oxum falava, sendo que por fim Oxum, falou que além de tudo isso, tinha cortado e colocado uma de suas orelhas na mistura do amalá para enfeitiçar Xangô. Obá agradeceu a sinceridade de Oxum e saiu para fazer um amalá em louvor ao Rei, enquanto Oxum, ria da ingenuidade de Obá que, sempre atenta a tudo, não percebeu que Oxum mentira, pois ela encontrava-se com suas duas orelhas, e falará isso somente para debochar de Obá. Obá, em grande sinal de amor pelo seu Rei, preparou um grande amalá, e por fim cortou uma de suas orelhas colocando na mistura e oferecendo à Xangô como gesto de seu sublime amor. Xangô ao receber a comida, percebeu a orelha de Obá na mistura, esbravejou e gritou. Oxum e Obá, apavoradas, fugiram e se transformaram nos rios que levam os seus nomes. No local de confluência dos dois cursos de água, as ondas tornam-se muito agitadas em consequência da disputa entre as duas divindades. E, até hoje quando manifestadas em seus iaôs elas dançam simbolizando uma luta.

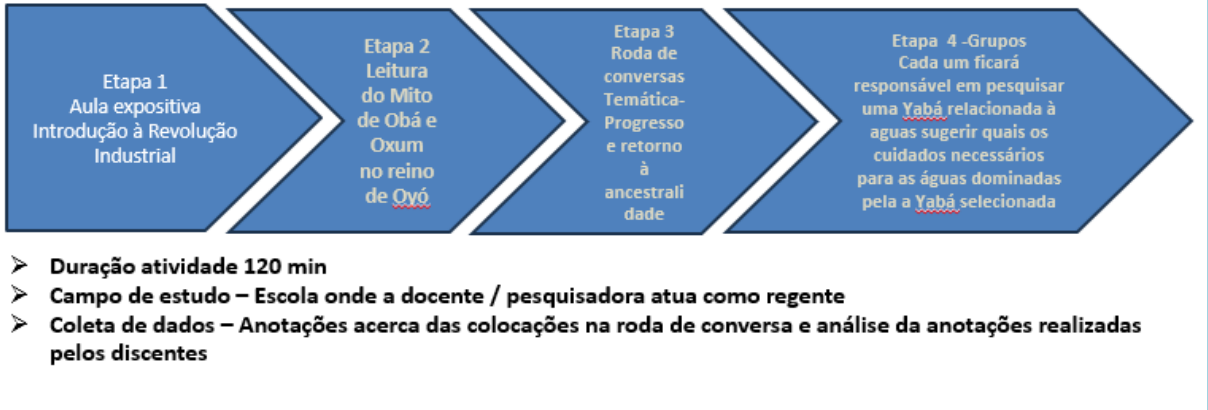
Nas etapa 3 e etapa 4 em um grande círculo alunos e docente realizaram uma grande conversa a partir do questionamento “Será que o progresso é bom para a humanidade?”

Utilizando o material abaixo (etapa 3) os alunos são convidados a pensarem a relação entre as três imagens presentes no material: a primeira traz o Objetivo do Milênio de número 06, uma indústria e duas Yabás. A ideia é que neste momento a ideia de retorno a ancestralidade já enunciada, na leitura do itan de Oxum e Obá, seja aprofundada como uma proposta de perceber a necessidade de uma mudança na forma de ver o mundo no que se refere à questão do progresso. Compreendendo assim estes avanços além da perspectiva da colonialidade/modernidade.

Na última etapa a turma dividida em grupos fica encarregada de escolher uma yabá que tenha seus domínios nas águas, pesquise sobre esta, os grupos deverão pontuar suas características e a partir desta pesquisa fazer uma ilustração da yabá escolhida a partir de suas percepções.

## Esquema Metodológico

### Metodologia



### Material Utilizado na Etapa 3

**Conteúdo: Revolução Industrial e natureza**

#### Será que o progresso é bom para a humanidade?

"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido."

- Charlie Chaplin, em "trecho do discurso proferido" no final do filme "O grande ditador". (1940)



A revolução Industrial é marcada pelo avanço tecnológico, pela mecanização dos sistemas de produção e por uma revolução social. Essas mesmas indústrias que são símbolo de progresso e avanço tecnológico, são as principais poluidoras dos nossos corpos hídricos. Isso, por simples irresponsabilidade, **grandes indústrias despejam toneladas de resíduos tóxicos em rios e lagos, prejudicando todo o ecossistema, tornando a água imprópria para o consumo e afetando a fauna local.**

#### - Desafios Relacionados à Água

**A adoção da Meta 6 de Desenvolvimento Sustentável está atrasada à medida que o prazo de 2030 se aproxima**

Gilbert Huangbo, presidente da ONU-Água, destacou a resposta a vários problemas relacionados ao recurso aos quais o mundo é vulnerável:

- Contaminação das fontes de água e aumento da demanda e uso.
- Crescimento da demanda agrícola, industrial, manufatureira e de geração de energia.
- Escassez de água relacionada à mudança climática, que pode deslocar populações.

Fonte: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Sugestão de leitura: <https://extra.globo.com/blogs/pai-paulo-de-oxala/post/2023/03/agua-o-grande-axe-de-todos-aos.ghtml>

**Diante disto é importante repensar a narrativa de desenvolvimento econômico, levando-se em conta a sustentabilidade e retomar valores de nossa ancestralidade pode ser um passo importante neste processo. Vamos juntos nessa....**



## Resultados e Discussão

Nesta prática aplicada em sala “parte-se da África inventada no Brasil que é o lugar daqueles que sobreviveram por um motivo simples: não se deixaram converter em indivíduos, e mantiveram-se comunidades” (OLIVEIRA, 2007)

A maioria dos discentes não faziam ideia da existência dos rios e muitos se impressionaram ao saber de rios como nomes de orixás. Também foi possível observar a supressa e a alegria pela abordagem da aula ao trazer para sala orixás conhecidos por parte dos alunos, percebendo nos comentários a identificação com o que lhe foi proposto. E mesmo os que demonstraram não conhecer nada a respeito das yabás que foram apresentadas estiveram atentos e participativos.

Do meio da sala veio uma voz que dizia: “Realmente, se é sagrado tem que respeitar” e lá do fundo ouvimos um “Mamãe, Oxum!”. No canto da janela a aluna que não era muito frequente nas aulas e que quase não se relacionava com os colegas, e pouco dirigia-se aos professores, parecia ter um brilho diferente no olhar.

Essa possibilidade de retorno a partir das narrativas das yabás nos possibilitou refletir sobre a importância de existir coletivamente, numa perspectiva de zelo pelo espaço que dividimos enquanto criaturas, pensar sobre os desafios relacionados a água enquanto recurso essencial à nossa sobrevivência e seu significado sagrado na cultura iorubá e também outras citadas pelos discentes em sala. Pensar essa sacralidade diversa no coletivo e até que ponto vale sacrificar nossa sobrevivência e subjetividade em favor de um dito progresso.

Algumas das ilustrações realizadas pelos docentes

1.



2.



3.



4.



1. Oxum - Ela é a deusa das águas doces e representa a beleza, a fertilidade e a maternidade
2. Nanã –Ela é a Mãe das águas Pantaneiras, senhora dos pântanos, presente na Criação.
3. Iemanjá – Yemanjá é a mãe do mar e da fertilidade. Seu nome tem origem do termo “Yèyé omo ejá” no iorubá, que significa “mãe cujos filhos são como peixes”.
4. Yansã – Ela é a mãe da tempestade e do vento (águas pluviais)

### Considerações finais:

Nesta intervenção realizada junto aos alunos de uma turma de oitavo ano, favorecemos uma nova possibilidade de compreensão do mundo, em relação as temáticas do ensino de história. Estas que por anos tem sido abordada apenas por uma perspectiva, a da colonialidade. Encontra neste projeto a oportunidade de novas formas de compreender, interpretar e narrar o mundo.

Os valores civilizatórios presentes na narrativas das yabás, senhoraS das águas, nos orienta a uma pedagogia decolonial ao revisitarmos esses saberes ancestrais, que ainda encontram resistência nas práticas pedagógicas da educação básica.

Estes mesmos valores que nos conduzem á uma possível educação histórica, decolonial para a sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. "Modernidade e revolução." *Novos estudos CEBRAP* 14 (1986): 2-15.
- BENISTE, José. *Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento*. Editora Bertrand Brasil, 202
- DA TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **Proposta Pedagógica**, p. 30, 2005.
- DE MATTOS, Wilson Roberto. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na elaboração de currículos escolares ensaiando pressupostos: Diversidade na educação. p. 27, 2003
- dos Reis Neto, J. A. (2021). Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re)Encantar o Mundo. *Revista Calundu*, 4(2), 25. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i2.34344>
- HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. Editora Paz e Terra, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- MOTA, Emília Guimarães. Diálogos sobre religiões de matrizes africanas: Racismo Religioso e História. *Revista Calundu*, v. 2, n. 1, 2018
- OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.
- POLI, Ivan da Silva. A importância do estudo das mitologias e gêneros literários da oralidade africana e afro-brasileira no contexto educacional brasileiro: a relevância da Lei 10639/03. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad CentralIESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.
- WALSH, C., Oliveira, L. F. de, & Candau, V. M. (2018). Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. *Arquivos Analíticos De Políticas Educativas*, 26, 83. <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3874>